

Documentação

Nome: Veja

Data: 2/9/87 Pg. 109

Class.: Φ

PETRÓLEO

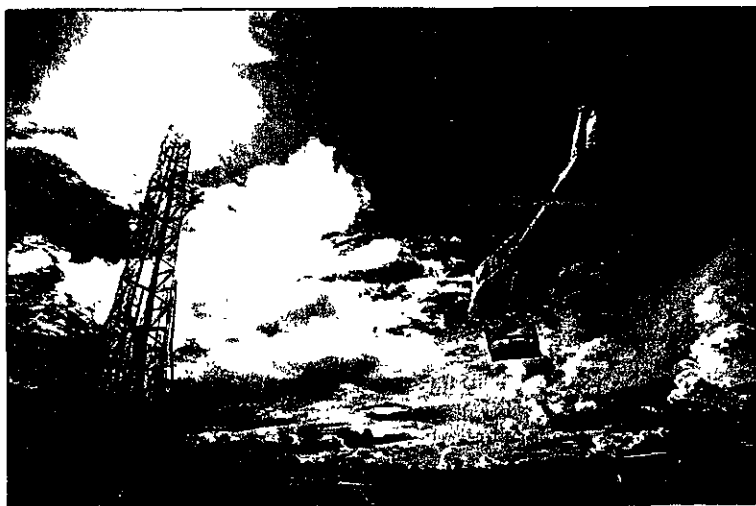
Sinal de avanço

Crescem as esperanças da Petrobrás em Urucu

Os técnicos da Petrobrás que exploram a Amazônia em busca de petróleo e gás descobriram, na última quinta-feira, um bom motivo para continuar a sua empreitada — um novo poço de petróleo, o 4-RUC-2, localizado às margens do Rio Urucu, a 400 quilômetros de Manaus. Depois de amargos fracassos, como o do poço Igarapé da Cuia, que secou após oito meses de produção, a equipe da Petrobrás não tem mais dúvidas de que está pisando num mar de óleo — o RUC-2 já mostrou uma vazão inicial de 1 250 barris ao dia, uma amostragem bem superior à colhida por seu antecessor, o LUC-1, que não ultrapassou

Campos.” O principal inconveniente da nova bacia é sua localização, a 170 quilômetros da cidade mais próxima, Tefé, e a mais de 4 000 quilômetros das refinarias do sul do país, as maiores consumidoras do óleo da Petrobrás.

A única maneira de transportar o óleo dos novos poços deverá ser através da construção de um oleoduto que ligue as jazidas à cidade de Tefé, às margens do Rio Solimões. De lá, os barris seguiriam em navios petroleiros para a refinaria da Petrobrás em Manaus, de onde os derivados seriam distribuídos a toda a Região Norte. Para concretizar tal projeto, a empresa já está desenhando um programa de investimentos — no qual está incluso, por exemplo, a ampliação da refinaria de Manaus, por 100 milhões de dólares. Os investimentos da Petrobrás, contudo, não estão só no papel. A empresa já está destinando 70 milhões de dólares para custear a perfura-



LUIS DANTAS

O poço LUC-1: numa região que armazena 200 milhões de barris



JOSÉ FRANCO

Frazão: otimista

a casa dos 200 barris diários. “O RUC-2 é o melhor poço que já descobrimos na Amazônia”, festeja o engenheiro Evaldo Nagamatsu, um veterano na procura de óleo pela região.

O ânimo da Petrobrás, contudo, não se concentra somente no potencial de sua última descoberta, mas sim naquilo que ela confirmou. Até a semana passada, os dois últimos poços perfurados pela empresa nas matas que circundam o Rio Urucu podiam muito bem passar como obras do acaso, jazidas isoladas que não tinham nenhum valor comercial. Com a perfuração do terceiro poço, os técnicos confirmaram de vez que a região é, de fato, uma bacia petrolífera. “As previsões indicam que a região pode armazenar até 200 milhões de barris de petróleo”, arrisca, otimista, o engenheiro Rafael Frazão, chefe de produção da Petrobrás na Amazônia. “Um potencial desses equivale a um poço gigante na Bacia de

campos de quatro novos poços nas imediações do Rio Urucu.

Para isso, ela já iniciou o desmatamento de 2,5 quilômetros quadrados, onde construirá uma base de apoio para os novos poços, além de um pequeno aeroporto, capaz de receber aviões de porte médio e os helicópteros que fazem o transporte de funcionários para as sondas fincadas na floresta. Tais providências, mais a euforia de seus técnicos, mostram que a Petrobrás está jogando mesmo suas fichas na região — depois de um prejuízo de 33 bilhões de cruzados assinalado em seu último balanço semestral, a empresa apertou o cinto e suprimiu todos os investimentos que não considerava prioritários. Dessa degola, ficaram ilesas somente duas regiões: a Bacia de Campos, responsável por mais da metade da produção nacional, e a nova esperança da Petrobrás — os poços do Rio Urucu. ●